



ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA VIVÊNCIA DE UM ESTÁGIO EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE MARACANAÚ-CE.

Talita Cavalcante de Sousa¹, Isabel Cristina Higino Santana².

Resumo (Times, 12 pt., negrito, centralizado): O estágio supervisionado é crucial para preparar futuros professores, oferecendo experiência prática que complementa a teoria acadêmica. Este estágio permite aos licenciandos vivenciar a realidade da sala de aula e adaptar suas abordagens pedagógicas conforme a necessidade. O relato descreve a experiência de uma licencianda em Ciências Biológicas em Maracanaú-CE. A escola, com infraestrutura mediana e boas instalações, revelou desafios como a falta de interação entre alunos e o professor titular, que usava ameaças como método de controle. A licencianda ministrou aulas sobre "Reprodução Sexuada e Assexuada" e utilizou métodos interativos, como pedir aos alunos para desenharem na lousa, para engajar os alunos e melhorar a compreensão. Durante a regência, a licencianda percebeu uma melhor interação com os alunos em comparação ao professor titular. A atividade final pediu aos alunos que criassem charges ou tirinhas sobre os processos de reprodução estudados. Apesar de algumas falhas nas orientações, a atividade ajudou a avaliar a compreensão dos alunos e destacou a importância de uma prática pedagógica adaptativa e eficaz..

Palavras-chave: Educação. Rede básica de ensino. Educação pública. Docente. Licenciando.

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma prática implementada há muito que tem por objetivo conceder ao licenciando uma vivência prévia do que será a sua profissão. Ao imergir na prática, o graduando consegue uma troca de experiências com profissionais que já atuam na área há um certo tempo, bem como experimentam o lidar com os alunos da rede básica de ensino, percebendo o que lhe falta para ser um professor que alcance, de fato, os alunos e os ensine conhecimentos que os acompanharam para a vida.

¹ Graduanda, Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, cavalcante.sousa@aluno.uece.br

² Doutora,

Muito se ouve de professores que já atuam em escolas que a realidade da sala de aula é completamente diferente da teoria ensinada nos espaços acadêmicos. Pimenta e Lima (2006) dizem em seu trabalho que “os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem”. As disciplinas, então, encontram-se destoadas do campo de atuação profissional. Partindo disso, a formação de pessoas se mostra ineficaz e insuficiente.

O objetivo da prática em estágio supervisionado passa a ser, portanto, capacitar o formando para uma real condição de sua profissão. Para que os mesmos saiam das universidades preparados para o meio profissional. Visto que o exercício de qualquer profissão é prático, no que consiste em aprender a executar uma atividade/uma ação, a profissão do professor também é prática. Ao longo do estágio, o licenciando observa, imita, reproduz, até re-elabora modelos existentes que se mostram insuficientes para aquela situação, criando assim seu próprio modo de ser a partir da análise crítica da situação, desenvolvendo a habilidade de lançar mão adequadamente das técnicas e, se preciso for, de criar novas. Tudo isso possibilita crescimento e amadurecimento profissional, pessoal e social (PIMENTA; LIMA, 2006).

Portanto, este trabalho visa relatar a experiência de uma licencianda em Ciências Biológicas em seu segundo estágio supervisionado na educação básica. A escola escolhida pertence ao município de Maracanaú-CE, e um total de quatro turmas foram objeto de observação, sendo três de oitavo ano e uma de nono ano. Mais detalhes sobre a escola serão descritos nos próximos tópicos.

Este relato narra as percepções, dificuldades e o modo de lidar com estas que foram vivenciados pela autora.

2. DESENVOLVIMENTO

Neste ponto será relatado dados físicos e quantitativos sobre a escola, também as percepções obtidas durante os períodos de observação e de regência, bem como o projeto didático realizado com os alunos.

2.1 A escola

A escola escolhida localiza-se no município de Maracanaú-CE, no bairro conjunto industrial. A escolha da instituição se deu por facilidades de acesso, por ser no mesmo bairro em que moro, e também para fazer um comparativo entre o funcionamento de escolas em Fortaleza e em Maracanaú, pois o estágio realizado em um momento anterior a este foi em uma escola da capital do estado.

A infraestrutura do espaço educacional em questão era mediana. Passou por uma reforma em 2007, sendo reinaugurada com o nome atual. O nome é uma homenagem a um professor, filho de Desembargador, que chegou a ocupar a pasta da Secretaria de Educação e Saúde no Governo do Estado do Ceará, nos anos de 1947 a 1951. A instituição recebe alunos não apenas de Maracanaú, mas também de Fortaleza, pelo fato de a escola ser em um bairro que faz fronteira entre os dois municípios mencionados.

A escola dispõe de 12 salas, e comporta nelas, nos turnos manhã e tarde, 23 turmas. Uma das salas no horário da tarde é usada pela equipe do aprender mais. O

quadro da escola é composto por 21 docentes, para atender um total de 701 alunos matriculados na instituição. A secretária relatou que a procura representa um número bem maior, mas este é o contingente máximo que a escola suporta. A instituição também dispunha de sala de leitura (FIGURAS 1, 2 e 3) e de uma sala para o AEE - Atendimento Educacional Especializado (FIGURAS 4, 5 e 6). A sala de leitura foi montada graças ao patrocínio de uma empresa industrial da região. A sala dispõe de uma diversidade de livros dos mais variados gêneros, televisão e computadores. A sala é aberta inclusive durante o intervalo e pode ser solicitada pelos professores para realização de aulas dentro deste espaço. Muitos modelos didáticos anatômicos também compõem a sala e podem ser solicitados pelos professores.

Figura 1 – Quadro de acolhimento dos alunos do AEE.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 2 – Porta de entrada da sala do AEE.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 3 – Professora Psicopedagoga que coordena o AEE.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 4 – Computadores da sala de leitura.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 5 – Estantes de livros separadas por categorias temáticas.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 6 – Aparelho de TV da sala de leitura.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

2.2 Período de Observação

As observações seguiram a carga horária recomendada de 8h/a. Foram cumpridas dentro do período que vai de xx/xx/xxx a xx/xx/xxxx.

Todas as salas possuem ar-condicionado e ventiladores, o que garante um relativo conforto aos alunos. As salas também comportam todos os alunos sem aperto, permitindo uma locomoção por parte do professor entre as filas caso ele queira. Eu, particularmente, acho isso uma vantagem, pois gosto de transitar entre as filas durante as explicações, pois sinto que consigo interagir melhor com os estudantes, e consigo prender a atenção deles um pouco mais. Havia carteiras para todos, a lousa era pautada - uma vantagem na hora da escrita. Em algumas das salas a porta não fechava, então era necessário utilizar uma cadeira para prendê-la.

O que eu mais pude notar durante o período de observação é que entre os alunos e o professor havia um muro muito alto. O professor falava, mas não parecia que os alunos o escutavam, muito menos que o entendiam. Além disso, não havia uma boa relação entre eles. Os próprios alunos relataram não gostar do professor, e por diversas vezes pediram para que eu me tornasse professora titular da disciplina. Não sei quais fatores levaram a esta situação, mas com certeza é um problema. Quando indaguei aos estudantes o motivo de não se darem bem com o professor, eles apenas relataram que o mesmo era “muito chato”.

Percebi, também, que há uma dinâmica de medo e ameaças fortemente usadas pelo professor. O mesmo costuma ameaçar os estudantes falando que irá chamar o coordenador para aplicar advertências, suspensões e convocar os pais até a escola. A tática é utilizada como forma de manter os alunos na linha durante as aulas, evitando conversas, não realização de atividades e afins. Na minha opinião, esse tipo de dinâmica cria um distanciamento entre professor-aluno, não estabelece uma relação de respeito, menos ainda de admiração.

2.3 Período de Regência

O período de regência programado corresponde a 24h/a, todavia, dado o estado de greve enfrentado pela Universidade, a carga horária foi reduzida para 12h/a acrescidas da confecção de um caderno de campo, escrito à mão, contendo todos os dados observados em todo o decorrer do período do estágio.

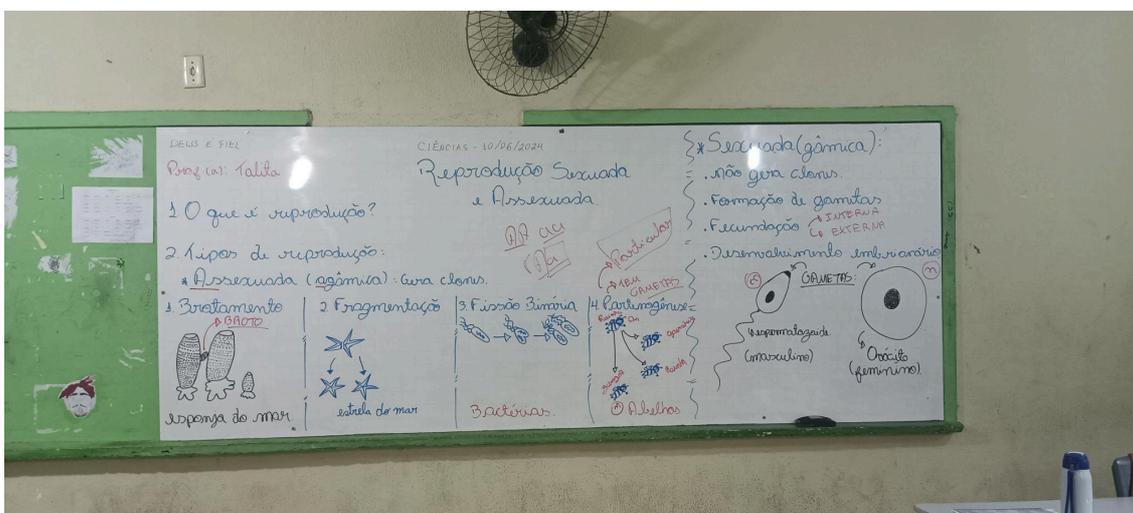
Para as aulas de regência, o professor me indicou qual conteúdo eu poderia ministrar. O assunto escolhido foi de “Reprodução Sexuada e Assexuada”. A aula foi ministrada apenas nas turmas de oitavo ano. Para cumprir a nova carga horária exigida, foram necessárias duas semanas de aula. Para a realização destas foram utilizados como materiais a lousa, pincéis, o livro didático e um material de resumo previamente preparado para sintetizar as informações no quadro branco.

Inicialmente eu dispus no quadro a síntese do assunto para os alunos copiarem, e deixei 4 espaços em branco para desenhar. Contudo, ao invés de eu mesma realizar os desenhos, solicitei ajuda voluntária de alunos, para que eles desenhassem. Eu forneci uma imagem modelo e eles precisavam apenas replicá-la. Em algumas turmas, rapidamente obtive os 4 voluntários, em outras foi um pouco mais difícil. Todavia, até nas turmas em que não houve voluntários de forma fácil, logo após o primeiro aluno até o quadro realizar o desenho inicial, os demais animaram-se em ir desenhar também, tanto que começaram a se voluntariar em demasia, mas como já tinha escolhido alguns logo no início, e eram poucos desenhos, eles não puderam ir até a lousa fazer. Na figura 7 e 8 é possível ver o resultado dos quadros de duas das turmas.

O intuito de pedir aos alunos para desenharem na lousa, foi gerar um engajamento maior com o conteúdo, além de criar uma curiosidade no aluno, do tipo: “o que esse desenho tem a ver com esse tópico?” Ademais, os alunos sentados ficavam curiosos para ver os colegas desenhando, o que diminuía as chances deles ignorarem o conteúdo.

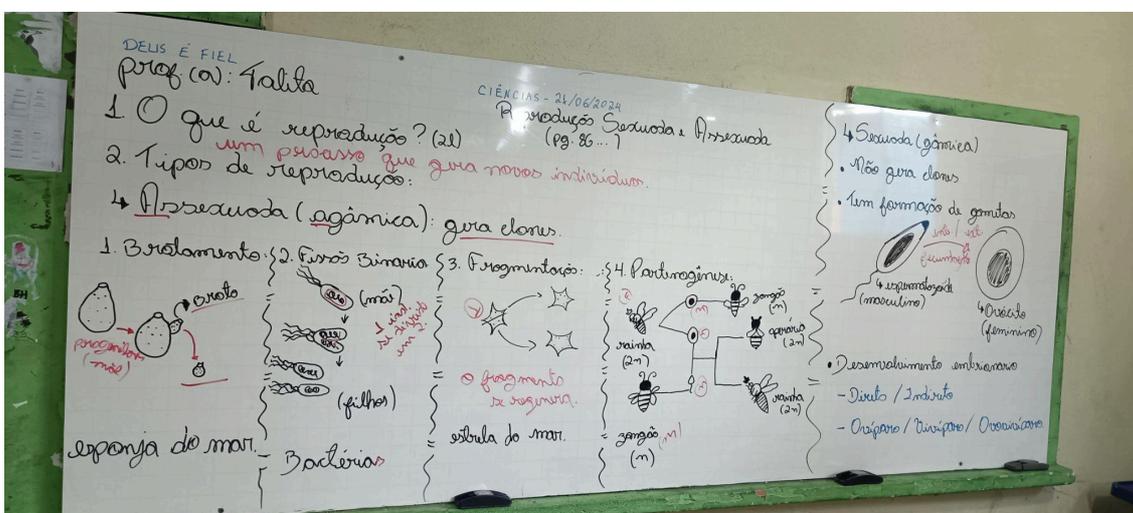
No momento da explicação, eu transitei entre as fileiras e fui fazendo pequenos questionamentos aos alunos a respeito da natureza do conteúdo que estávamos estudando, perguntando o que eles entendiam, por exemplo, por reprodução, o que era

Figura 7 – Quadro montado na turma do oitavo ano A.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

Figura 8 – Quadro montado na turma do oitavo ano B.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

uma fissão, o que era um gameta, etc. Tentei ao máximo trazer exemplos do dia a dia dos alunos e explicar aquela matéria num linguajar que fosse próximo a eles.

Senti que a interação com eles foi bem melhor do que a interação que eles tinham com o professor titular. Porém, não tenho como garantir se era pela aula ou se era por ser uma professora nova. Mas ouvi muitos elogios vindos dos alunos dizendo que haviam gostado muito da aula.

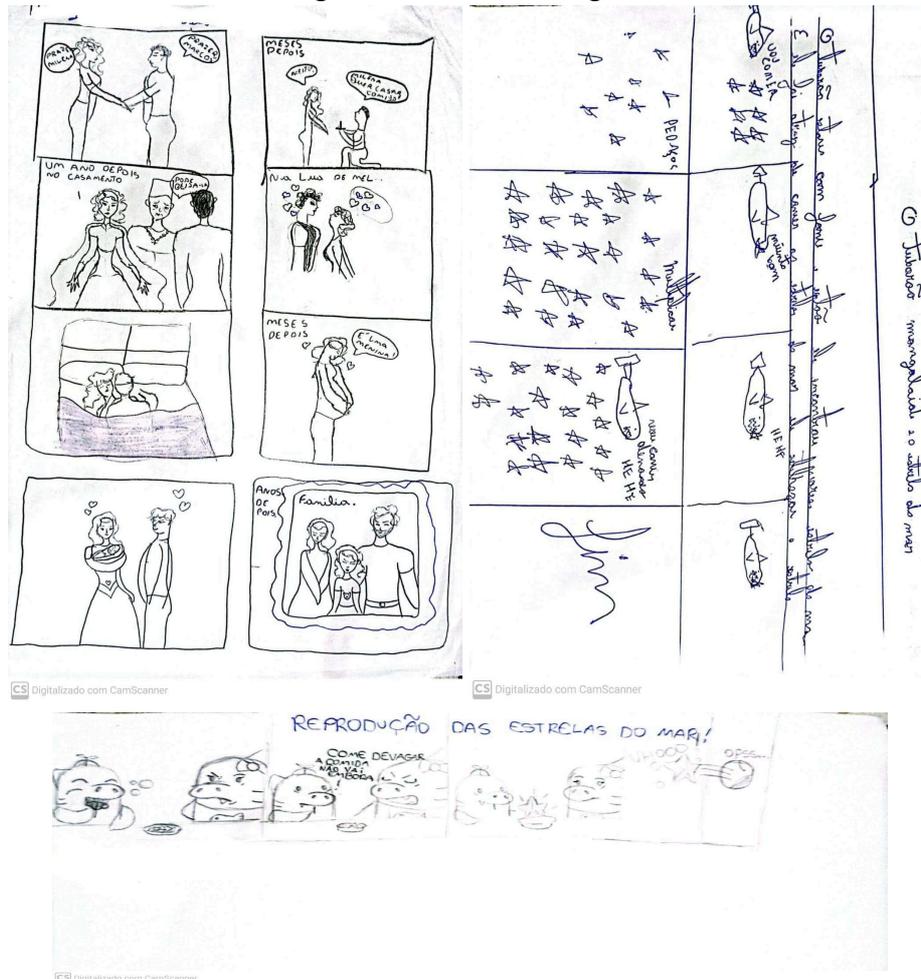
2.4 Projeto Didático

A proposta do projeto didático consistiu em solicitar aos alunos que, com base nos conhecimentos adquiridos nas aulas no período da regência, desenhassem em uma folha de ofício uma charge ou uma tirinha, que contivesse algum dos processos de

reprodução estudados: Reprodução assexuada - fissão binária, fragmentação, brotamento ou partenogênese; Reprodução Sexuada - cópula e fecundação.

Nem todos os alunos conseguiram seguir as orientações e acabaram fazendo apenas desenhos simples dos processos reprodutivos. Eu aceitei-os mesmo assim, pois os desenhos ainda eram frutos da compreensão deles sobre o conteúdo e sobre a atividade do projeto. Cada desenho contém o nome do aluno, a série e a turma, para melhor identificação. Abaixo, seguem algumas das produções realizadas pelos alunos, mas sem destaque no nome do aluno para fins de preservação de sua identidade.

Figura 10 – Título da figura.



Fonte: Talita Cavalcante (2024).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, posso dizer que o aprendizado foi imenso. O contato com os alunos, com o professor, com a escola ampliou meu campo de visão sobre o ensino. Pude perceber as dificuldades vivenciadas pelo professor, assim como as dificuldades que os próprios alunos possuem, e ao mesmo tempo traçar uma forma de lidar com ambos. A prática de estágio é de fato um campo de experiências enriquecedoras essenciais à formação do licenciando, permitindo que ele enfrente previamente os percalços da docência, mas tendo o suporte dos professores de estágio da graduação, bem como a experiência do professor supervisor da escola.

REFERÊNCIAS

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. *Póiesis Pedagógica, Catalão*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 3 set. 2024.